

Só aí então o profeta desceu das montanhas na direção das planícies, para ensinar sua doutrina em oposição às crenças do tempo. O missionário tinha agora sua bíblia, livro de sabedoria celeste, chamado mais tarde o *Avesta*.

No princípio Zarathustra foi mal recebido e mesmo expulso a pedradas. Os padres do culto oficial, os *karpans*, viam de má vontade esse reformador que pregava a vida simples e despojada, em comunhão com a natureza luminosa, tanto para os pobres como para os reis. Constrangido a fugir para regiões cada vez mais distantes, Zoroastro ganhou o Seistão, região situada nos confins do Afeganistão, onde tentou inutilmente ganhar para a sua fé um príncipe chamado Parhat. Por que o novo "evangelho" do sábio persa suscitava a incompreensão e o ódio de seus contemporâneos?

É fácil responder a esse problema. Buda, Jesus, todos os grandes reformadores religiosos toparam no começo de sua pregação com a hostilidade do clero de seu tempo, apegado aos privilégios e preocupado em conservar seu domínio sobre as multidões submissas. Mas, como a claridade do Sol rasgando as nuvens, a mensagem de Zarathustra triunfaria de seus inimigos.

O ensinamento do sábio era simples e genial ao mesmo tempo. Zoroastro proscovia os sacrifícios sangrentos de animais como indignos do povo ariano. Um só Deus, representado pela luz solar de Ahura-Mazda, não podia aceitar holocaustos em benefício próprio. Terminado o panteon inumerável dos antigos deuses, terminados os múltiplos *daevas* aos quais dirigiam súplicas e queixas. Relegados à categoria de entidades demoníacas, despiram-se de todo poder protetor e só Ormuzd, o Deus bom, merecia as preces dos fiéis. As más divindades, sedentas de sangue, desapareciam no inferno do mal representado por Ariman, o príncipe malvado, lutando contra o bem desse mundo.

Entretanto Zoroastro não repudiava o quadro geral da antiga religião. Podiam-se conservar os antigos ritos com a condição que se dirigissem daí por diante a um só Deus, Ahura-Mazda cuja grandeza estava simbolizada pelo puro culto do fogo, expressão da "santidade radiante" do Senhor sábio. Da mesma maneira que o fogo cósmico renova o Universo, nesse crisol gigantesco que é a nossa galáxia, da mesma maneira o fogo espiritual da nova religião deveria asse-

gurar a purificação das antigas crenças: *Igne Natura renovatur integra*, a divisa dos alquimistas não é nova, tanto é verdade que o simbolismo é a arca sagrada do conhecimento tradicional.

Na doutrina zoroástrica a luta entre o bem e o mal, que terminará mais tarde no maniqueísmo e no catarismo, é representativa de uma concepção dinâmica do mundo, de acordo com os dados da ciência moderna que ensina a ronda incessante dos átomos no seio da matéria, qualificada em outros tempos de "inanimada e inerte". A ação do Universo implica na existência de um pólo positivo, mas há também um pólo negativo seu correspondente, nesse espelho gigantesco que é o cosmos. Aquele que se fia na imagem invertida, miragem enganadora, cede às forças do mal e torna-se um mágico, absorvido pelo turbilhão de ilusão carmaniana. Em poucas palavras Zarathustra explicava ao povo essa dualidade do bem e do mal e intimava seus ouvintes a escolher entre ambos. Compreende-se que alguns ficassem muito embaraçados diante dessa escolha, quando não optavam pela "magia negra", flagelo de todos os tempos.

Apesar disso, não se deve pensar que essa doutrina rejeita a vida e o mundo. Zoroastro pelo contrário afirmava a beleza da existência ao serviço de Deus; exaltava tudo o que na natureza lembrasse o triunfo da luz sobre as trevas: o Sol primeiro, fonte de toda alegria e de toda vida, a Criação em seguida, que exalta a obra de Ormuzd de como mais tarde Francisco de Assis, o santo continuador dos trovadores, Zoroastro curvava-se sobre os recém-nascidos, as flores, as plantas e dedicava uma ternura particular pelos animais domésticos, salvaguarda do lar: "É dever do fiel, velar sobre todo ser fecundado que tem dois pés ou quatro patas, sobre toda mulher ou fêmea grávida" (*vendidad*) e ainda isto: "Quem quer que seja que mate um cão mata sua alma por nove gerações" (*Vendidad*). A crença na reencarnação das almas após a morte tradicional entre os Antigos (encontramo-la no budismo, entre os pitagoristas e até no catarismo e na Rosa-Cruz) era respeitado como uma verdade eterna.

Nos ritos pregados pelo reformador iraniano encontra-se novamente o simbolismo inerente à luta de Ahura-Mazda poder luminoso, contra Ariman poder das trevas, Mitra o deus-Sol, bem longe de ser expulso foi adorado ao mesmo tempo